



# COLÉGIO LUIZA DE MARILLAC

EXTERNATO POPULAR SÃO VICENTE DE PAULO

Rua Voluntários da Pátria, 1.653 - Santana - São Paulo - CEP: 02011-300

Tel/fax: 2226-6161 - www.marillac.g12.br - marillac@marillac.g12.br

---

## Trabalho e Aventura

Fábio José da Silva

Durante algum tempo na historiografia discutiu-se se a chegada dos portugueses ao Brasil teria sido intencional ou fruto do acaso. Independente do que se acredite é fato que no a partir do século XIII, com ênfase nos séculos XIV e XV, os povos ibéricos eram os que dispunham das melhores condições de empreenderem viagens através do Oceano Atlântico na busca de caminhos alternativos para as Índias e, ao mesmo tempo, tentar encontrar novas terras. Especialmente na região próxima à linha do Equador, em que, segundo acreditava-se na época, o homem degenerava fisicamente em função do calor. Logo, por estarem mais habituados ao calor da região, por manterem um contato sólido com o norte da África, os ibéricos, em particular os portugueses estavam mais bem habilitados para darem o pontapé inicial nas viagens oceânicas que dariam início às conquistas empreendidas pela Europa desde então.

Entretanto, como observou Sérgio Buarque de Holanda, a respeito da maneira como se deu o processo posterior à conquista dos territórios na América:

Essa exploração dos trópicos não se processou, em verdade, por um empreendimento metódico e racional, não se emanou de uma vontade construtora e enérgica: fez-se antes com desleixo e certo abandono. Dir-se-ia mesmo que se fez apesar de seus autores. (HOLLANDA, 1995: 43)

Conforme apresentado no texto anterior, os ibéricos preferem valer-se de um sistema social em que prepondere a valorização do mérito do que apegar-se à tradição, outro aspecto característico das sociedades ibéricas é o pouco apego que tem as regras, ao trabalho, preferindo, em vez disso a vida aventureira e errante, sem muito apego à terra e/ou a grupos de indivíduos. Sérgio Buarque de Holanda divide os tipos humanos em dois, aquele mais apegado ao trabalho ordenado, capaz de exercer uma atividade em longo prazo, esperando pacientemente para colher os frutos de seu trabalho, "*mede todas as possibilidades de desperdício e sabe tirar o máximo proveito do insignificante*" (HOLLANDA, 1995: 44). Existe outro tipo, o aventureiro, um indivíduo incapaz de manter-se por muito tempo em um mesmo local, impaciente o suficiente para plantar a semente e vislumbrar o fruto, ansioso pelo que está além do horizonte.

Esse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e, onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes. (HOLLANDA, 1995: 43)

Obviamente esses dois tipos não existem de maneira pura na sociedade, mas cada indivíduo, cada cultura, tem uma porção maior de um ou de outro. Em se tratando da ação ibérica ocorrida na América, podemos perceber que a preferência era mais pela aventura do que pelo trabalho. Buarque de Holanda afirma que, no caso da conquista da América, o espaço para o trabalho era quase nulo, uma vez que a consolidação de posse do novo território pedia, necessitava até, de pessoas dispostas a arriscarem tudo, inclusive a vida, para a efetivação da posse ibérica nos territórios conquistados. Essa necessidade de espírito aventureiros na América era decorrência das tentativas de outras nações, notadamente Inglaterra, França e Holanda de tentarem estabelecer colônias nas novas regiões. Portanto, mais até do que trabalhadores para gerar ganhos a necessidade era de elementos interessados em conquistar riquezas sem muito esforço, buscando minerais ou

outras formas de extrair a riqueza da terra sem ter que fixar-se nela, o que levava ao confronto, em alguns casos, com os, chamados, “invasores” das terras pertencentes aos ibéricos.

A primeira forma de exploração de riquezas do Brasil foi a extração do pau-brasil. O pau-brasil, produto desejado na Europa, usado para tingir tecidos oferecia chance de enriquecimento, entretanto, não fixava os homens na terra, não garantia aos portugueses a posse do território, sempre desejado por outras nações européias, conforme apontam Mary del Priore e Renato Venâncio:

O primeiro instrumento institucional de ocupação das terras americanas foi a feitoria. Através delas faziam-se contatos com os índios da terra e explorava-se o pau-brasil. Cabia ao feitor evitar a deserção de marinheiros, receber produtos da terra que seriam enviados ao Reino e tentar impedir que embarcassem, sem autorização, indígenas escravizados. (DEL PRIORE, VENANCIO, 2010: 40)

Certos de que essa exploração da terra empreendida apenas através das feitorias, que não fixavam o elemento branco à terra não daria resultado, e incorria-se no risco de perder todo o território, ou uma parte dele, para as nações européias a coroa lusitana tentou, de outra forma garantir a posse das terras; utilizando um sistema de capitanias hereditárias. A necessidade de povoar o Brasil era urgente, franceses e ingleses estavam rondando a costa, tentando de todas as formas estabelecerem contato com os índios. Os franceses, em 1555 conseguiram estabelecer-se na região do, atual, Rio de Janeiro, aumentando o risco de que uma parte do território, que os portugueses consideravam seu lhes fosse tomado sem muito esforço. As capitanias que pareciam um excelente sistema acabaram por não dar certo, “*devido ao tamanho do território colonial, assim como em razão de ferozes ataques indígenas.*” (DEL PRIORE, VENANCIO, 2010: 41)

Para a sorte da Coroa lusitana duas das quinze capitanias deram certo, São Vicente e Pernambuco, cultivando cana-de-açúcar, e, nessas condições, uma vez mais vemos emergir características tão caras ao povo brasileiro, herança lusitana, para garantir o empreendimento colonial, a plantação de cana, os portugueses optaram por utilizar a mão de obra africana escravizada em vez de envolverem-se com o trabalho, fixarem-se na terra e deixarem as possibilidades de aventura de lado. E mesmo esse sistema de produção agrícola não era exatamente um modelo de organização:

Numa produção de índole semicapitalista, orientada sobretudo para o consumo externo, teriam de prevalecer por força critérios grosseiramente quantitativos. Em realidade, só com alguma reserva se pode aplicar a palavra “agricultura” aos processos de exploração da terra que se introduziram amplamente no país com os engenhos de cana. Nessa exploração, a técnica européia serviu apenas para fazer ainda mais devastadores os métodos rudimentares de que se valia o indígena em suas plantações. Se tornou possível, em certos casos, a fixação do colono, não cabe atribuir tal fato a esse zelo carinhoso pela terra, tão peculiar ao homem rústico entre povos genuinamente agricultores. [...] Sem braço escravo e terra farta, terra para gastar e arruinar, não para proteger ciosamente, ela seria irrealizável.

O que o português vinha buscar era, sem dúvida, a riqueza, mas riqueza que custa ousadia, não riqueza que custa trabalho.



Luis Teixeira, *Litoral Brasileiro com as Capitanias Hereditárias*, Portugal, Biblioteca da Ajuda, 1574

Fonte: <http://www.infoescola.com/historia/capitanias-hereditarias/>

Assim sendo, é possível perceber que a aventura foi o móvel inicial da aventura ibérica em terras americanas, ao mesmo tempo esse espírito aventureiro que favoreceu o desenvolvimento das conquistas ibéricas no além mar foi igualmente o responsável pelo que se seguiu, a incapacidade de dominar e ajustar seu espírito ao trabalho ordenado e sistemático que a povoação e a agricultura exigiam.

#### Referências:

DEL PRIORE, Mary. VENANCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010;

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**: São Paulo: Companhia das Letras, 1995;

\_\_\_\_\_. **Visão do Paraíso**: Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.